



**SUISSA — CASCATA GELADA DE GIESBACH.**

O PERPETUO contraste de gelos e de verdura, de florestas silenciosas e de catadupas susurrantes, de paizagens alegres, e de precipicios medonhos, torna a Suissa uma das regiões mais pittorescas da terra, e não só explica, mas justifica a predilecção da maioria dos viajantes.

VOL. III. — 3.<sup>a</sup> SERIE.

Em muitos numeros dos anteriores volumes do Panorama temos dado largas noticias da Suissa, e suas instituições; por isso nos dispensámos de repetil-as.

A gravura representa uma das raridades naturaes da Suissa, objecto da admiração unanime dos forasteiros; é a cascata gelada de Giesbach.

SETEMBRO 16. 1854.

## ARCHEOLOGIA PORTUGUEZA.

## MEMORIAS DA VILLA DE ARRAYOLOS.

## XXXI.

## Juizes.

Não consegui descobrir em que anno se constituiu Arrayolos em villa, e começou sua vida municipal. Pode-se todavia assignar com segurança a este successo a data do seculo 13.<sup>o</sup>, por quanto nos primeiros annos do 14.<sup>o</sup> já o concelho de Arrayolos se achava sufficientemente robusto para emprender a obra do castello (1).

A organização do governo municipal do concelho de Arrayolos era semelhante ao das outras villas. Compunha-se o corpo da governança do alcaide (mór), juizes ordinarios, e depois juiz de fora, procurador do concelho, escrivão da camara, syndico da mesma, procuradores e escrivão dos mesteres, almotacés, e os competentes officiaes subalternos de justiça e administração, como nos demais concelhos. Os juizes, vereadores, procurador do concelho, e escrivão da camara podem considerar-se elementos fundamentaes do corpo da governança municipal. Os procuradores e escrivão dos mesteres, os almotacés e o syndico foram introduzidos depois, e talvez cada um em diverso tempo. O alcaide (mór) era entidade superior, de character mixto, militar e administrativo. Não era essencial ao systema municipal, mas existia sempre onde havia castello ou fortaleza. Os juizes a principio eram singelamente assim chamados. Depois acrescentou se-lhes o epitheto de *ordinarios*, para os distinguir de outros novos juizes *extraordinarios*, não eleitos pelos concelhos, mas nomeados pelo rei ou senhor da terra, a que se chamou *de fóra*, por serem com effeito pessoas de fora, e não residentes na povoação. Os primeiros juizes *de fóra* datam do tempo d'el-rei D. Affonso V. Eram pessoas leigas, e recebiam commissão especial e transitoria.

Os juizes ordinarios eram dous, iguaes ambos em jurisdicção e auctoridade; visivel continuação dos duumvros romanos (2). Esta magistratura duumviral trazia ás vezes certos inconvenientes, não procedidos de sua origem electiva e popular, mas da sua constituição duumviral, isto é, da igualdade e simultaneidade de poderes. Resta-nos nos archivos da terra memoria de mais de uma grave dissensão entre os dous juizes. A mais pertinaz, que albotou por muito tempo a terra, e perturbou a administração municipal rebentou em 1613. As eleições municipaes, e as da casa da misericórdia, estabelecimento já então de primeira importancia nos concelhos, traziam, como era natural, a gente da villa dividida em parcialidades. O duque de Bragança, senhor da terra, ou por ignorar esta circumstancia, ou, o que é mais provavel, querendo mui de proposito promover a concordia pela distribuição igual de poder entre os cabeças dos bandos, metteu na pauta por juizes para este anno de 1613 a Simão Moreno e Gaspar de Arez. Moreno, genio inquieto e ambicioso, pouco feito para sofrer partilhas na jurisdicção, tentou logo em principio do anno supplantar os contrarios, levantando com seus parceiros na praça publica grande motim e arruido. Congregou se a camara, e escreveu ao duque em 18

de janeiro dando conta do caso, e pedindo-lhe mandasse o seu ouvidor a tirar devassa, ouvindo o testemunho dos homens do povo, que não fossem das parcialidades da terra (3). Sem embargo de outras providencias, acudiu logo o duque remediando, quanto por então podia, os inconvenientes do duumvirato, mandando por carta sua que os juizes viessem á camara alternados e nunca ambos juntos. O juiz Moreno não se deu por contente com esta resolução. Pareceu-lhe talvez derogatoria de sua auctoridade, e declarou seccamente que não viria á camara. Esta accordou em 14 de março notificar-lhe em forma o mandado do duque, e escrever ao mesmo senhor, se o referido juiz não quizesse depois vir a ella (4). E com effeito ou cessou de ir á camara, ou talvez comparecia n'ella com largos intervallos; até que enfadado de sua propria inercia tentou reconquistar a jurisdicção, que ninguem lhe disputava, e annular com estrepito a sua espontanea abdicção, pela forma que consta do seguinte assento no termo ou acta da vereação de 24 de outubro. « E por quanto Simão Moreno, juiz, mandou, estando nós em camara, que queria vir a ella como juiz, por ser sua a semana da camara: e logo por o juiz Gaspar de Arez estar presente n'ella, lhe mandou dizer que elles andavam *ingizados* (alternados), e que esta semana era sua das audiencias e camara; e por isso queria estar e assistir n'ella como sempre o fez. E elle dito Simão Moreno, juiz, disse que ella era sua, mas que elle lh'a largava, como tinha largado outras muitas. E logo o dito juiz Gaspar de Arez disse, que elle não lhe tomara camara nenhuma sua, nem meza, mais que as suas que lhe cabiam por alternativa, e que essas nenhuma perdêra; e as que se acharem sem juiz eram d'elle Simão Moreno. E assim mais disse elle Gaspar de Arez que o sabbado passado, 17 dias de outubro, que entrando os vereadores em camara, elle Gaspar de Arez, estando na praça á vista d'elles vereadores, e fallando com alguns d'elles, não veiu á camara com elles, por não ser o sabbado seu; mas que depois, a requerimento dos vereadores, estando elles ainda em camara, viera acudir a uma desobediencia, que se fez aos ditos vereadores e procurador d'esta villa na mesma camara (5). »

D'aqui se vê quanto a discordia continuava a lavar rijamente, e o governo da terra padecia. O duque não podia permanecer indifferente á vista d'este triste quadro de desolação de uma de suas villas. Querendo tentar a conciliação dos animos pelo bom termo e pela persuasão, escolheu dous homens principaes da terra, que deviam de ser no rigor da phrase dous *homens bons*, o licenciado André Lopes Franco e Martin do Valle de Moura, e os encarregou de ajustarem as pazes e firmarem a concordia entre as partes belligerantes. Aos 30 de dezembro de 1616, juntos nas casas da camara os juizes, vereadores, e pessoas da governança, propozeram os dous commissarios ducaes como da parte do duque lhes estava encarrégada a paz e concordia das pessoas acima nomeadas, e que o dito senhor lhes havia declarado, que vivendo em paz se haveria por bem servido d'elles, e que fazendo pelo contrario, mandaria castigar os contumazes como suas culpas merecessem. Que o mesmo senhor duque tinha entendido, que parte d'estas discordias procediam das eleições, que se fazem assim para governo da terra, como para administração da casa da misericórdia; e n'este particular lhes

(1) Vid. capitulo VIII.

(2) Vid. Alexandre Herculano, Historia de Portugal, tomo 4.<sup>o</sup>

(3) Liv. das vereações de 1612 a 1615, fl. 217 v.

(4) Liv. dito, fl. 228 v.

(5) Liv. das vereações de 1615 a 1618, fl. 22.

mandava que depois d'esta conformidade deixem correr o curso das eleições livremente, e que elle terá particular cuidado de saber o como n'esta parte elles se hão, para que seja bem, e lh'o agradecer. E todos em conformidade responderam que estavam prestes para cumprimento do acima dito, assim e da maneira que por sua ex.<sup>a</sup> lhes está mandado; e para firmeza d'esta concordia assentaram e prometteram sob pena de menos valer de se não molestarem uns aos outros com testemunhos nas devassas ordinarias, que os ouvidores e juizes costumam tirar, ou em alçadas, vindo algumas a esta terra, nem em devassas de quaesquer outros juizes. E porque gente da segunda condição costuma a vir com mexericos, com que se perturba a paz, assentaram que havendo algum queixoso n'esta materia se vá logo ter com os juizes ambos, ou cada um d'elles, para que sendo materia de descomposição, elles a componham; e sendo caso de importancia o escrevam ao principe; e o mesmo farão elles sobredito. E em seu nome fazem esta proposta, e prometteram os presentes, que tem filhos familias, o mesmo em nome de seus filhos. E por firmeza de tudo ordenaram que se fizesse termo d'esta concordia, que prometteram guardar, e nunca em tempo algum vir contra ella em prejuizo dos que por ella querem estar. Seguem-se 24 assignaturas (1). Tanto confiava o duque que assim serenasse a tempestade, que não duvidou incluir nas pautas para vereador do anno seguinte (1617) a Simão Moreno, o ex-juiz prezo e processado por estas discordias. Era uma amnistia indirecta. Aberta a pauta em camara na forma do estylo, no 1.º de janeiro de 1617, foi chamado Simão Moreno para tomar juramento de vereador, e respondeu que estando prezo, e tratando de livrar-se das culpas, em que se achava incurso, não devia servir os officios da republica. O juiz Pero Vaz não attendeu a escusa alguma, e assim Moreno prestou juramento com protestaçoão (2). O outro juiz, Paulo Dias, era de opinião diversa; como porém não podia desmauchar o que fôra resolvido pelo collega, limitou-se a declarar em vereação de 28 de janeiro, que sendo elle igual com seu parceiro, lhe não ficava logar de mandar n'esta materia nada; mas que protestava de não se metter em tal negocio, e que todo corresse sob a responsabilidade do dito seu parceiro, que n'elle se tinha mettido, e mandado n'esta materia (3).

Não podemos saber pelas memorias, que restam, o progresso e conclusão d'estas alteraçõs. Só sabemos que os espiritos continuaram agitados por alguns annos, e que ainda em 1624 havia graves symptomas de desunião entre a gente da governança. Ambos os juizes nomeados para servirem n'este anno prestaram juramento com protestaçoão de que o faziam só com medo das penas, e não porque quizessem servir (4). Se os dous juizes estavam n'isto conformes, discordavam profundamente em alguns pontos de administração. Em vereação de 15 de junho de 1624 disse Antonio do Casal Neto, juiz, que Gil Machado, outrossim juiz, tinha suspensos os tabelliães e escrivães da terra, e que elle Antonio do Casal não sabe a razão que teve, e que a terra padece na administração da justiça. Que os officiaes da camara tinham obrigação de o mandar avisar que levantasse a suspensão aos ditos escrivães, para que a terra se pudesse governar, e não querendo levantar a suspen-

são, elles officiaes escrevessem a sua ex.<sup>a</sup> sobre isso; porque elle Antonio do Casal protesta de lhe não ser dado em culpa, se alguma cousa succeder á falta de escrivães. E os officiaes assentaram que se escrevesse sobre isso a sua ex.<sup>a</sup>, e que primeiro fosse notificado Gil Machado (5).

Se ha odios tenazes, são estes nascidos das ambiçõesinhas de pequena povoação. Legam-se por herança aos filhos, perpétuam-se como vinculo nas familias. Não admira pois que as tentativas do duque para apaziguar por meios brandos as dissensões de Arrayolos falhassem umas apoz outras. Era necessario applicar um remedio heroico, desembainhar uma pequena espada de Alexandre, para cortar o nó, que a arte não sabia desatar. Essa espada achou-a o duque n'um juiz de fora, o licenciado João Rodrigues Fontoura, que começou a exercer o seu cargo em agosto de 1631, e foi o primeiro da serie, que sem interrupção durou por dous seculos completos.

Cumpré porém advertir que já não era nova na terra a magistratura do juiz de fora. Por duas vezes em annos anteriores haviam funcionado semelhantes magistrados, mas o seu serviço havia sido ephemero, e talvez como ensaio. O 1.º começou em principios do anno de 1569 (6), e já no 1.º de outubro de 1572 serviam novamente os juizes ordinarios (7). O 2.º despachado pelo duque, a 21 de junho de 1591, tomou posse em camara de 28 do dito mez (8), e não chegou a terminar o triennio, por quanto a 3 de janeiro de 1594 já havia outra vez dous juizes ordinarios (9).

J. H. DA CUNHA RIVARA.

## A FAMILIA DO SENHOR CAPITÃO-MÓR.

### QUADROS DA VIDA DE PROVINCIA.

#### III.

No CAPITULO antecedente deixei as minhas leitoras sem ainda sabermos a historia da heroína d'este romance. E tempo de lh'a contar. Primeiro porém peço-lhes venia para esboçar aqui o retrato da verdadeira auctora d'esta narração. Quando eu conheci a senhora Genoveva, orçava ella pelos seus sessenta e oito annos, para mais, que não para menos. A cabeça era-lhe branca como a neve; a bôca risonha e composta; e os olhos ainda vivos e esper-tos como duas scentelhas. Acejada e bem posta como um palmito, quer rezando, para dar descanso á roca; quer fiando, para dar treguas á oração; nunca ninguem a víra enxovalhada ou em desalinho. A touca branca, de folhos, dava-lhe um aspecto senhoril; o rosario pendendo-lhe da cinta, levava a gente a respeitá-la. A senhora Genoveva não sabia nem ler nem escrever; em troca porém dera-lhe Deus uma memoria de anjo.

(5) Liv. dito, fl. 31.

(6) Acho-o a 2 de fevereiro de 1569. Liv. da receita e despeza do concelho do anno de 1568. No cartorio da camara.

(7) Documento da demarcação do termo com o do Vimieiro, do 1.º de outubro de 1572, que vae mencionado no capitulo XVII.

(8) Liv. das vereações de 1590 a 1594, fl. 94.

(9) Liv. dito, fl. 259 v.

(1) Liv. das vereações de 1615 a 1618, fl. 124 v.

(2) Liv. dito, fl. 128.

(3) Liv. dito, fl. 149.

(4) Liv. das vereações de 1624 a 1627, fl. 15 v.

Conversar com ella, era quasi como ler a chronica da provincia nos ultimos trinta annos. Sabia por ordem chronologica os nomes de todas as auctoridades civis e militares, que tivera a provincia desde 1821. Tendo lidado com a boa e legitima fidalguia dos arredores, tinha aprendido com ella uns certos ares distinctos, que captivavam e prendiam a quem tinha o gosto de conversar meia hora com a senhora Genoveva. Com o dom da palavra, mas sem pretensões, o discurso corria-lhe limpido e manso, como o arroio que murmura. Apesar de velha, cousa que fosse do coração achava n'ella sentimento para a entender, e lagrimas para a apreciar.

A senhora Genoveva era uma d'estas naturezas de mulher, que como a folha do ulmeiro se balouça por qualquer brisa, e se deixa arrancar por um pé de vento, que sobre um pouco mais rijo. Tinha lagrimas para todas as dores; e palavras de consolação para todas as desgraças. Por isso a velha me contou a chorar os primeiros amores da menina, que criára como filha sua, e estimava ainda com todas as veras do seu coração. A historia é como se segue:

Na primavera que passára viéra de Lisboa á provincia um primo da senhora D. Magdalena, que assim era o nome da menina mais velha da casa. A velha criada descreveu-m'o assim: Rapaz de vinte e quatro para vinte e cinco annos, raras vezes o sorriso lhe assomava aos labios. A tristeza n'elle era natural, e sem affectação; dir-se-ia que uma grande dôr lhe andava lá por dentro a requeimar a vida, e a murchar-lhe em flor as esperanças e as alegrias. Os olhos trazia-os sempre pregados no chão, como quem tinha saudades de deixar a terra tão cedo. Temia-se do outono, como se uma voz intima lhe estivesse a dizer em segredo, que a vida se lhe havia de ir, como as folhas verdes das olaias, que se penduravam ainda orgulhosas á beira dos saudosos e conhecidos caminhos da sua terra.

Como acontece sempre a quem se vê tão perto do céu, todo elle era puro amor, sentido como a ultima despedida, forte e robusto como a extrema expressão de muitas affeições reunidas. Ambicionava a vida para amar Magdalena, mas presentindo que lhe fugia o tempo, apressava-se em vazar do peito sem ordem, e quasi que em delirio tudo o que pensava e sentia por ella.

Aquella paixão matou-o. Era forte de mais, para que dentro em pouco se não traduzisse n'um epitafio!

Magdalena tambem o amava, mas com toda a singeleza de um primeiro amor. Tendo-o conhecido já doente, acostumára-se a amal-o como uma recordação; queria-lhe como ao berço em que se embalára em pequena; como ás saudades da infancia, como a tudo o que tinha sentido de agradavel, brincando ou sorrindo descuidada pelas esmeraldas da campina. E não me digam que não era um verdadeiro amor aquelle. Era. Por ser innocente não deixava de ser grande; era um amor perfumado de melancolia, como o de Jocelyn; mas nem por isso deixava de ser epico e robusto, como o de Hermengarda.

Aquelles amores tinham começado castos e puros como a flor que lhes servira de mensageira; e acabou n'um cicio triste mas suave, como o da folha que se desprende do tronco, sobre a relva ainda humedecida pelos prantos da madrugada. Como aquellas duas almas se fallavam e comprehendiam, era um mysterio para os mais. Só se fallavam, como as flores quando a brisa as embala, segredando-se no mesmo tronco, sós, sem mais confidentes do

que o sol quando nasce; ou a lua quando pallida se mergulha nas aguas do oceano.

Criados juntos em creanças, tinham-se costumado a quererem-se e a amarem-se um ao outro, como se querem dous cantos do mesmo poeta; como se entendem dous sentimentos da mesma alma; como se traduzem e combinam dous sons da mesma lyra. Magdalena sentia em si muita vida, e no coração muito fogo, para não desejar repartir o coração e a vida. Elle, pelo contrario, faltava-lhe a esperança, desbotava-se-lhe a fé do futuro, e forcejava concentrar n'um sentimento, n'um unico nome, o que em breve a campa lhe havia de vir ronbar. Aquelle sentimento era o amor; aquelle nome o de — Magdalena!

Deixei-me ir chorando atraz do amor! Não se admirem as minhas leitoras, que como eu o terão sempre visto com azas, que o pintor de certo lhe não teria posto se não fossem para voar. E tanto voou d'esta vez, que nem tempo tive para conceder a palavra sobre a materia á boa da velha Genoveva. Depois de se achar inscripta, foi um subterfugio parlamentar pouco justificavel por lezar nos seus inquestionaveis direitos a respeitabilissima decana d'esta historia. Quiz remediar o mal, que tinha feito, mas já não era tempo. O arrependimento mais vale tarde que nunca, diz um rifão portuguez. Depois de me ter posto a devanear por minha conta e risco sobre os amores alheios, vinham mal cabidas aqui as singelas observações da tia Genoveva. Na proxima sessão, já d'aqui prometto conceder-lhe a palavra antes da ordem do dia. S. Bento me não ajude, se a velhinha coitada não fôr ouvida como merece. Ha de sel-o; quero-lhe dar a satisfação de lhe pôr aqui palavras suas em letra redonda antes da sua morte. É uma vaidadesinha, que ella ha de levar satisfeita d'este valle de lagrimas. Tem tanto direito a isso, como qualquer socio da academia a estafar em periodos de vara e meia a syntaxe, e o senso commum. Por hoje está levantada a sessão. Fica reservada a palavra á tia Genoveva, que piamente acredito que fallará com tanto conhecimento de causa sobre a materia, como qualquer bacharel fossil discorre e decide sobre os direitos protectores.

(Continúa.)

L. A. PALMEIRIM.

## SCENAS DE ESCRAVATURA.

V.

A LOUCA.

O COLONO proseguiu assim:

— «Apenas desembarquei, todos os meus esforços se dirigiram a encontrar Maria; porém debalde percorri, durante oito dias, os bairros do Recife, de Santo Antonio e da Boa-Vista; alonguei-me até Olinda, fiz todas as diligencias possiveis, mas ninguem reconhecia os signaes que eu dava do gordo proprietario e da serva. Emfim, uma noute, atravessando vagarosamente a rua das Cruzes, lancei por acaso a vista para uma porta em que havia luz, e junto á qual estavam dous homens conversando. O som de uma voz conhecida e execrada fez-me pular o coração! Aproximei-me da porta, e reconheci o amo de Maria em um d'aquelles dous homens: ia para me lançar a elle, porém a desgraça já me havia tornado cauteloso; passei adiante, e unido á parede, com

olhos e ouvidos attentos, esperei que terminasse a conversa. Se elle mora ali, dizia eu tomigo mesmo, fico sabendo aonde o hei de procurar; se não mora, ha de tomar alguma direcção, e vou segui-lo. Com effeito, dez minutos depois, o homenzinho despedia-se do seu amigo, e passava perto de mim com a maior tranquillidade. De um pulo saltei sobre elle; com uma das mãos segurei-lhe a garganta de maneira a impedir-lhe a falla, com a outra mostrei-lhe uma faca de ponta: «Ao menor movimento que tentares fazer, estás morto,» disse-lhe eu; e accrescentei, deixando-o respirar: «Que fizeste de Maria, a mulher que levaste da barca *Feliz*?» O velho respondeu fleugmaticamente: «Mau negocio foi esse; a maldicta fugiu no mesmo dia em que lhe paguei a passagem, e não soube mais d'ella... ha de estar abi por algum bordel.» Acreditei a primeira parte, a segunda ia custando a vida ao malvado. Elle que sentia a minha convulsão, e que conservava toda a presença de espirito, como endurecido já na maldade, bradou com fingido susto. «Olhe esse homem!» e quando eu virei o rosto para ver quem se aproximava, escapou-se-me das mãos, e deitou a correr, gritando por soccorro. O infame juntava o escarneo á preversidade! Corri sobre elle, resolvido a matal-o; porém um outro homem se apresentou diante de mim, com uma espingarda na mão. «Se não paras, desfecho,» disse elle; e eu creio que ainda assim avançaria, se não reconbecesse a voz do recém-chegado: era um dos meus companheiros de viagem, e visinho da villa da Praia.

— «Manuel, sou eu, deixa-me passar,» lhe bradei; «porém elle, que via aproximar-se mais gente, empurrou-me, dizendo: «Foge, foge, que eu amanhã te darei noticias de Maria... no mercado de Santo Antonio, ao meio dia.» Voltei; Manuel lá apaziguou aquella gente, que me não seguiu... traidor!»

— «Traidor por te livrar?» interrompi eu, admirado.

— «Jogava com pau de dous bicos; o sr. vacouvir o resto. No outro dia encontrei-o no mercado, e eis-aqui em resumo o que contou ter succedido á minha noiva. Violentada pelo velho proprietario, tinha perdido o juizo ao mesmo tempo que a honra, e como já para nada servia, fôra-expulsa de casa, e percorria as ruas de Pernambuco mal coberta de andrajos, e apupada pelos moleques, que lhe chamavam a *louca das ilhas*. . . Imagine, senhor, como eu ficaria, ouvindo esta horrivel historia! E, se é possível, calcule o grau da minha desesperação, vendome em seguida cercado pela policia, prezo como colono fugido e suspeito de outros crimes, pelo testemunho do proprio Manuel, meu patricio, e lançado em uma enxovia, d'onde só devia sair para regressar ao Rio de Janeiro, e ser entregue ao meu senhor!... A hora da partida soou; porém a justiça de Deus ainda não estava satisfeita com o tremendo castigo, que havia soffrido até ahí, por culpa dos meus grandes peccados! Era preciso que visse, sem lhe poder acudir, a pobre louca, rôta, ensanguentada, cadaverica, ser tirada das aguas, aonde se arremeçara voluntariamente; e em quanto a conduziam para o hospital, embarcar eu para o navio que ia transportar-me aqui!...»

— «Que foi feito da pobre louca?»

— «Teve Deus piedade d'ella... bem a merecia! Morreu.»

Depois de uma longa pausa, durante a qual o novo grumete chorou bastante, resolvi-me a dizer-lhe:

— «Maria está no céu, não se deve chorar por ella. Conta-me o que te succedeu com teu amo.»

— «O homem contava com o vigoroso colono de outro tempo, mas enganou-se. Como até aqui ainda se não manda um branco ao tronco, como se faz ao negro, para o carrasco pagar a letra de açoutes, que sobre elle saca o senhor, e que é endossada pela auctoridade policial, sem querer saber qual é o crime do escravo, e importando-lhe tão sómente que se pague a dinheiro, a modo de juro, um tanto por cada chicotada; como o branco, posto que mal tratado de palavras, e peor de comida e vestuario, prezo por um contrato fraudulento, que só vem a conhecer como tal quando não pode fugir ao jugo, não está comtudo sujeito a ser amarrado no pateo da casa do seu senhor, e fustigado como um pèrro fugido; eu tornei-me mandrião por tal forma, que meu amo expulsou-me da roça, e mandou-me guiar aquella carroça, que o senhor viu, para levar agua á casa da cidade. Não sei se o meu contrato já acabou, mas estou certo que não tornam a procurar-me.»

— «Ainda assim, não és dos que mais tem de que queixar-se. Os trabalhos que soffreste, foram procurados por tuas mãos; ahí estão outros colonos a bordo, que, enganados na sua patria por falsas promessas, vieram gastar o vigor da mocidade n'este clima abrazador, e agora regressam ás ilhas, sem forças, sem dinheiro e sem esperanças, tendo pago os tormentos da passagem por dous e tres annos de serviço violento.»

— «O mesmo me succederia, se não fosse a immoralidade, que reina a bordo d'estes transportes de carne humana; se me deixassem ir com a minha noiva servir o mesmo amo, teriam encontrado um bom agricultor, e uma boa serva, que trabalhariam noute e dia sem se queixarem. Pois eu na minha terra não trabalhava e muito? E não era a falta de trabalho o que mais temia? Mas era livre; podia deixar de servir a quem me maltratasse. O escravo no Brazil não faz tanto em um mez, como qualquer agricultor das ilhas em dez dias, não cuida do proprio sustento nem do vestuario, não está sujeito, como nós, por falta de trabalho ou por escacez de salario, a soffrer a fome ou a mendigar... mas quem não preferirá a todas essas vantagens o ter vontade propria, e não ser mutilado a arbitrio de um seu semelhante?»

— «Tens razão,» disse eu, sorrindo-me da tirada philosophica do ex-colono, que mal se lembrava quanto a sua sorte era agora semelhante á do negro escravo. Acabava de ter a honra de sentar praça na marinha real, como grumete, e estava por consequencia sujeito a ser chibatado, exposto na golilha á irrisão dos seus camaradas, ou prezo, com ferros aos pés, n'um logar humido e escuro; tinha que aturar desde o commandante até ao ultimo marinheiro, seus superiores... Estava livre, suppunha elle, porque não tinha um senhor determinado; mas tinha muitos... pobre rapaz...»

Quando havia terminado a historia dos pobres colonos com as singelas reflexões que acabam de ler-se, abri ao acaso a primeira caderneta dos recém-publicados *Fastos da Igreja*, e deparei com uma imagem da escravidão em Roma, que podia applicar-se, ainda hoje, a muitos paizes.

— «O escravo nada possuia,» diz o elegante escriptor, «nem até o seu peculio, adquirido á custa de trabalho e de vigalias. Na mão do senhor estava sequestrar-lh'o. Não tinha esposa ou filhos. Os seus amores eram casuaes, e o laço conjugal nunca os abençoava. As creanças nascidas do momentaneo ardor dos sentidos e da promiscuidade do ergastulo, pertenciam ao dono da mãe, como as crias dos animaes...»

Não é isto o que acabo de vos contar que succede

na America ainda hoje? Não sabeis que na Europa mesmo subsiste a escravidão em alguns paizes? O czar não tem milhões de servos de gleba? O sultão não possui um harem de formosas captivas? E os soldados e os marinheiros não são escravos em toda a parte? . . . Que tem pois adiantado a humanidade, quaes são os fructos da arvore da civilisação? As machinas a vapor, os caminhos de ferro, o telegrapho electrico, novos projectis para matar muita gente de uma vez, sinos mergulhadores, navegação sub-marina, estradas por baixo dos rios, o aerostato imperfeito ainda, o magnetismo só conhecido pelos effeitos, as leis da gravidade e da attracção e do movimento dos corpos celestes . . . pois tudo isso vale nada em comparação d'esta grande questão da escravatura? E quando reuniu um congresso de paz no occidente rebenta a guerra no oriente! E lá vão milhares de homens arrastados para o campo de batalha decidir quem ha de ter o protectorado dos logares santos! . . . E falla-se em progresso!

Não; a aurora da redempção não despontou ainda para o mundo. Os escravos de Roma, a prostituição de Roma, os gladiadores de Roma, ali estão na velha Bysancio e na moderna S. Petersburgo; correi, d'esse centro de attracção, os olhos por toda a terra, e encontrareis o vicio e a servidão por toda ella, como ha dous mil annos, só com a differença que hoje escondem-se com o fumo das machinas a vapor, não soam tão claramente, porque elles abafa as vozes o ruido dos caminhos de ferro, e o ouro, manejado destramente, substitue em muitos casos a força bruta, fazendo calar a consciencia.

Fui longe do meu assumpto; mas volto depressa a elle, e vou concluir com um pequeno additamento as scenas de escravatura, que deixei esboçadas, extrahindo de um dos jornaes do Brazil, que tenho sobre a meza, do que mais perto estiver, alguns annuncios, que confirmem as idéas expendidas n'estes artigos, e façam mais execrada ainda dos leitores a escravidão.

«*Jornal do Commercio de 12 de junho de 1845.*  
Anuncios:

«Vende-se uma ama de leite, bonita mocamba, com uma linda cria a desmamar se, etc.»

«Vende-se uma cabra com abundante e bom leite, e uma cabritinha de dous mezes, etc.»

«Aluga-se uma mulher branca, para ama de leite, etc.»

«Aluga-se uma preta, que ensaboa, engomma e coze, etc.»

«Aluga-se uma parda para todo o serviço, etc.»

Esta mescla de annuncios encontra-se todos os dias nas folhas do Brazil; aluga-se a branca, a parda e a preta (todas as côres!) Vende-se a ama e a filha, a cabra e a cabrinha. . . O' seculo commercial! . . . Salve! Tres vezes salve!

F. M. BORDALO.

OS IMPERIOS BYSANTINO E OTTOMANO.

#### XIV.

*Estado anarchico do imperio: Carlos XII da Suecia refugia-se na Turquia: intrigas na corte de Achmet III, e perplexidades d'este soberano; guerras e pazes com a Russia.*

A REVOLUÇÃO, que expulsou do throno a Mustaphá II, elevou ao poder seu irmão Achmet III, que con-

tava 30 annos de idade (23 de agosto de 1703). Todavia a revolta não se deu por contente só com o sacrificio d'aquelle soberano. As suas exigencias multiplicavam-se á maneira que eram satisfeitas.

O aspecto geral da Turquia era então bem triste. As guerras successivas, que se vira obrigada a sustentar em tempos em que a decadencia do imperio fazia já progressos assustadores, tinham empobrecido o paiz, e desbaratado a fazenda publica. Mas peor ainda eram os effeitos moraes de tantos revezes na guerra, e de tantas revoluções no interior. O soberano estava sem prestigio, as leis sem vigor, e as auctoridades sem força. Cresciam os abusos e se arri-gavam por toda a parte, e em ponto algum havia segurança nem para os individuos, nem para a propriedade. Na capital rebentavam a cada momento as sedições dos janisaros; nas provincias ora se rebellavam os pachás contra o sultão; ora se amotinava o povo contra os pachás. E a ordem nunca se restabelecia sem concessões, que desvirtuavam o throno, e enfraqueciam o governo, ao mesmo tempo que serviam de germen a futuras discordias.

D'est'arte os ministros e principaes auctoridades do imperio eram a cada passo sacrificadas, ou para abrir caminho a um ambicioso feliz, ou para satisfazer a brutalidade de uma soldadesca indisciplinada e turbulenta. E assim discorreram os primeiros annos do reinado de Achmet III.

Em quanto na Turquia se passavam estas scenas anarchicas, ateava-se a guerra encarniçadamente entre a Russia e a Suecia. Este acontecimento veio lançar em novas difficuldades o imperio ottomano. O imperador Pedro I e o rei Carlos XII instavam tenazmente com o sultão para tomar parte na lucta, e as instancias d'estes dous rivaes, tão depressa tinham por ponto de partida as mais lisonjeiras promessas, como logo assumiam um character ameaçador.

Achmet III, combatido por mui oppostos interesses, hesitava na escolha entre as duas allianças. A politica seguida pelos seus antecessores, as sympathias do paiz e as suas proprias, um instincto, talvez, moviam-no em favor de Carlos XII. Mas o poder da Russia augmentava tanto de dia para dia; o genio de Pedro o Grande dava tal impulso, imprimia tal força a esse imperio nascente (1); as suas campanhas e repetidos triumphos tinham aguerrido tanto o exercito, e excitado n'elle e no povo tão vivo enthusiasmo, que o sultão não ousava attrahir sobre a Turquia tão temivel inimigo. Bem desejára oppôr uma barreira ás invasões moscovitas, e marcar o limite ao engrandecimento de tão perigoso visinho; não confiava porém nas forças do paiz. Achava-se exaustado de recursos; via abatido o espirito publico, o exercito sem um chefe intelligente, e o seu gabinete sem um ministro illustrado. Temia-se por tanto, e com razão, do resultado da lucta.

No meio d'estas perplexidades Achmet ia tomar enfim uma resolução de accôrdo com a opinião publica, quando a batalha de Pultawa, dando á Russia uma grande victoria, arremeçou Carlos XII sobre o territorio turco, fugitivo e quasi só, depois de ter perdido a maior parte do seu exercito (1709).

Este successo transtornou inteiramente as resoluções do gabinete ottomano; todavia as negociações

(1) Com quanto a Russia ja figurasse nos reinados antecedentes como uma nação guerreira, todavia a sua representação, como um imperio que pezasse na balança europea, só data do reinado de Pedro I. Foi este soberano que, ao mesmo tempo que a engrandeceu com as suas conquistas, a fez entrar por meio de sabias e ousadas reformas no gremio das nações civilisadas.

tinham sido levadas muito longe para que se pudessem recuar facil e aiosamente. Durante alguns triumphos obtidos por Carlos XII, e que precederam a batalha de Pultawa, o grão-vizir havia entabulado negociações com este monarcha para uma alliança offensiva e defensiva entre as duas corôas, e chegára mesmo a fazer a promessa de pôr immediatamente em campo um forte exercito. Posto que não chegára a concluir-se tratado algum, o rei da Suecia instava vivamente pelo cumprimento das promessas, que lhe haviam sido feitas em nome do sultão. Empregando a sua muita actividade e não pouca intelligencia fazia valer perante a Sublime Porta todas as vantagens, que esta potencia podia tirar de uma alliança com a Suecia, e no reverso da medalha mostrava-lhe os perigos que ameaçavam o imperio de Osman, se abandonando no meio do seu infortunio um soberano, a quem identicos interesses faziam o amigo sincero e alliado natural da Turquia, concorresse d'este modo para o engrandecimento da Russia.

Achmet III apreciava todas as vantagens d'aquella alliança, e antevia todos os perigos d'este engrandecimento; mas as circumstancias tinham mudado tanto depois do combate de Pultawa, que receiava tomar uma resolução, que compromettesse a independencia do imperio, attento o estado precario e melindroso em que se achava.

Estas novas hesitações eram ainda augmentadas pelas imperiosas exigencias do czar, que pretendia a expulsão de Carlos XII do territorio ottomano, e a entrega do transfuga Mazeppa, chefe cossaco, a quem os russos accusavam de ter favorecido a invasão dos suecos na Ukraina.

Procurava o sultão esquivar-se a satisfazer semelhante exigencia; e com este fim, e para ganhar tempo, tentava neutralis-a, queixando se de violação de territorio pelas tropas russianas, quando estas perseguiram na sua fuga el-rei de Suecia. Comtudo, apesar dos pretextos plausiveis e phrases amigaveis com que a Sublime Porta tratava de attenuar os effeitos de uma recusa formal, Pedro I viu claramente a má vontade do sultão. A generosa hospitalidade com que este ultimo soberano recebeu a Carlos XII nos seus estados, dando-lhe em Bender uma agradavel residencia, e uma boa pensão, acolhimento feito, todavia, em grande parte com o intuito de subtrahir-se ao cumprimento das promessas de socorro, exasperou o czar, e incitou-o a proseguir com mais energia nas suas pretensões. Para esse fim mandou immediatamente a Constantinopla o conde Tolstoi por embaixador extraordinario.

A entrada do enviado russo na capital da Turquia foi o preludio de um jogo de intrigas, tão extenso e activo, que poz a tormentos o animo do sultão, lançando-o novamente nas maiores perplexidades.

O differente modo de encarar a questão, as variadas e oppostas conveniencias, que se podiam d'ella tirar em relação á Turquia já de per si tinham dado origem a duas parcialidades bem distinctas no divan e no paiz. As diligencias porém e liberalidades do rei da Suecia, por um lado, e do conde Tolstoi, por outro, interessando cada um na sua causa quantas pessoas podiam exercer influencia na côrte, fizeram d'aquellas duas pequenas parcialidades dous partidos, o da paz e o da guerra, ambos poderosos pelo numero e pela influencia dos seus chefes. O da guerra, que era o favoravel ao exilado de Bender, tinha á sua frente a sultana-mãe. O da paz, que favorecia os interesses russianos, era capitaneado pelo grão-vizir Tchorkuli Ali Pachá.

Finalmente prevaleceu este ultimo. Renovou-se o

tratado de paz com a Russia, e em consequencia de um dos seus artigos foi intimado el-rei da Suecia para sair immediatamente do territorio turco. Recusou-se porém este principe sob diversos pretextos a deixar o seu asylo, e levou a sua obstinação a ponto de tornar infructuosas todas as tentativas de persuasão.

Achmet III, attribuindo semelhante resultado á inhabilidade do grão-vizir, demittiu-o e desterrou-o, substituindo-o por Nou'man Kupruli Pachá, membro d'essa illustre familia, que em diversas epochas, e em situações bem difficeis, havia prestado á patria os mais relevantes serviços.

Nou'man Kupruli era decidido partidario da paz, comtudo as suas diligencias junto ao monarcha sueco não foram mais felizes do que as do seu antecessor. A sua administração foi portanto ephemera. Desvanecidas as esperanças que o seu nome fizera conceber, teve de entregar os sêllos do imperio a Baltadji Mahomet Pachá.

Foi esta nomeação um effeito das intrigas movidas pelos amigos de Carlos XII; assim as cousas mudaram de face repentinamente. O sultão consentiu em fim na guerra.

As exigencias moscovitas tinham augmentado tanto o odio, que já existia contra a Russia, e as sympathias que inspirava o cavalleiroso rei da Suecia, que a guerra era uma concessão á opinião publica, e até certo ponto uma medida politica de muito alcance, pois que era o meio de occupar o exercito, que estava sendo um elemento anarchico, e de dar melhor rumo ás idéas em geral, cujas tendencias eram visivelmente contrarias á causa da ordem.

A declaração da guerra foi por conseguinte recebida com enthusiasmo em todo o imperio, apesar da opposição do partido contrario, que diminuira e perdêra a força moral com o teor arrogante das notas do conde Tolstoi, com o que muito se feriu o orgulho musulmano.

Desenrolou-se pois o estandarte do propheta, e chamou-se a nação ás armas. A popularidade da lucta, que se ia emprehender, facilitou ao governo os preparativos militares.

Partiu finalmente o exercito ottomano em direcção ao Pruth, tendo á sua frente o grão-vizir. A sua marcha foi tão rapida, que teve a fortuna de sair ao encontro do exercito russo, quando este se achava á quem do Pruth, e junto ás margens d'este rio n'uma posição desvantajosissima, que era dominada por diversas alturas, que as tropas turcas se apressaram a occupar. O grão-vizir offereceu logo batalha ao czar, que commandava em pessoa o seu exercito. Travou-se renhida peleja, os russos combateram com estremado valor. Flanqueados porém por todos os lados; apertados contra o rio, que lhes embarçava os movimentos; subjugados pelo fogo dos canhões, que coroavam os montes visinhos, o mais que puderam alcançar foi protrahir a victoria ao inimigo, estendendo o combate até á noite. As trevas, obstando ao proseguimento da batalha, vieram com effeito embargar o triumpho ás armas ottomanas, quando a sorte da guerra estava quasi a conceder-lh'o do modo mais cabal e completo.

Entretanto essas horas de repouso não aproveitavam á salvagão do exercito russo. Fôra impossivel tirar-o da situação precaria em que se achava. A luz do dia seguinte devia sem recurso alumiar o seu destroço.

N'essa noite reuniu Pedro I na sua barraca imperial a todos os seus generaes, e ahí teve longo conselho; mas não se apresentou alvitre algum exe-

quível, nem um unico que fizesse reflectir na alma do czar um raio de esperança. Vender caras as vidas, morrer combatendo, morrer morte de heroes, era a resolução que mais quadrava ao caracter de Pedro o Grande. Saíram os do conselho, e o soberano ficou só, pensativo e abatido.

Em tão desesperada conjuntura, a imperatriz Catharina, que nunca abandonava seu esposo, participando sempre dos seus perigos, como participava da sua gloria e grandeza, reúne os generaes e persuade o conselho a propor a paz. Corre então a juntar quantas joias e alfaias preciosas pode encontrar na sua recamara; e envia-as immediatamente com uma carta ao acampamento inimigo. Schaffiroff, por sua muita habilidade, foi o encarregado d'esta ardua missão. A carta era para o grão-vizir, e continha propostas de paz. As joias, que compunham um riquissimo presente, eram-lhe tambem dirigidas por intermedio do seu secretario.

Durante essa mesma noute foram entregues a carta e as joias. O mais feliz resultado coroou o plano de Catharina. Triumphára a seducção; o grão-vizir dobrou-se ao ouro, e o imperador estava salvo, salva a honra e a corôa de Pedro o Grande! A paz foi aceita e a campanha terminada.

As condições do tratado foram á primeira vista vantajosas para a Turquia. Entre outras clausulas obrigou-se o czar a restituir a praça d'Azof, chave do canal que communica o mar Negro com o mar d'Azof; e compromettia-se mais a fazer demolir as fortalezas de *Palus-Mcotides*, entregando aos turcos toda a artilheria que as guarnecia. Um artigo especial impunha á Turquia a obrigação de fazer sair do paiz el-rei da Suecia, sendo-lhe permittido no seu regresso para a patria livre passagem pelo territorio russo.

Entretanto, fazendo-se uma justa apreciação do triumpho, que este tratado veio arrancar das mãos dos turcos; avaliando-se devidamente as suas consequências provaveis, tanto em relação á Turquia, como relativamente á Russia, é forçoso convir que as verdadeiras vantagens foram todas em favor d'esta ultima potencia.

A noticia d'este successo causou profunda sensação em Constantinopla. Varias correspondencias do campo de batalha, e uma carta de Carlos XII, cheia de amargas queixas, patentearam toda a verdade aos olhos do sultão. O grão-vizir Baltadji Mahomet Pachá foi logo demittido e desterrado. O tratado do Pruth foi annullado, e a guerra novamente declarada.

As circumstancias porém já eram outras. O exercito turco já tinha abandonado as suas fortes posições, e Pedro I á frente das suas tropas já havia passado o Pruth. E além d'isso o tempo, que medeára entre a chegada da noticia da conclusão da paz, e a nova declaração de guerra, tinha sido empregado pelos partidarios da paz em obstar por todos os modos ao rompimento das hostilidades. Assim se abriu outra vez o campo ás intrigas, por meio das quaes conseguiram aquelles elevar ao grão-vizirato Youçouf Pachá.

Temendo a irritação de animo de Achmet III, e a opinião mais geral do paiz, não se atreveu o grão-vizir a contrariar abertamente as resoluções tomadas; mas empregou tão grande lentidão nos preparativos militares, no arranjo de meios pecunia-rios, levantou taes difficuldades, sobre as que realmente existiam; empeceu finalmente com tal arte e dissimulação todas as disposições para o rompimento da lucta, que a campanha foi-se protra- hindo de mez para mez, em cujo intervallo foram-se os

animos serenando, e os amigos da paz e parciaes da Russia ganhando terreno diariamente.

D'esta maneira chegou Youçouf aos seus fins. Dizendo sempre que queria a guerra, e se dispunha para uma lucta porfiosa, trabalhava só com o intuito na paz, até que logrou estipulal-a por vinte e cinco annos em um tratado celebrado com a Russia em abril de 1712.

(Continúa.)

I. DE VILHENA BARBOSA.



O PORTEIRO DE CROMWELL.

A MANIA de imitar em tudo os gestos, a linguagem, e até os vicios e os defeitos d'aquelles que as circumstancias, ou as vicissitudes politicas ergueram ao fastigio do poder, pode converter-se muitas vezes em loucura. Assim aconteceu ao pobre Daniel, porteiro do celebre Oliverio Cromwell, que a nossa estampa, copiada de outra coeva, fielmente representa.

Daniel conseguira imitar perfeitamente o fallar mystico, e a physionomia carregada de Cromwell; mas não se limitava a isto simplesmente; prégava tambem e prophetisava. Esta ultima prenda, que elle presumia ter, levou-o ao hospicio de alienados de Bedlam!

Não se cuide porém que o humilde Daniel não teve proselytos, que o considerassem como um verdadeiro santo e propheta. Asseveravam até alguns que elle predissera o grande incendio de Londres. Não era raro encontrarem-se muitas pessoas, assentadas, por espaço de largas horas, debaixo da janella do seu quarto, esperando pela respectiva practica. O que elle dizia muitas vezes não fazia sentido; mas nem por isso o admiravam menos. Carlos Leslie chegou-se certo dia a um grupo de fieis, e atreveu-se a perguntar a uma velha, que proveito esperava tirar dos sermões de um doudo. A velha, furiosa, mediu-o com os olhos, e respondeu-lhe, acompanhando as palavras de um gesto fulminante: «Festo tambem dizia que S. Paulo era doudo!»

Quantas vezes, e com mais funestos resultados, não tem sido o povo victima da sua ignorancia e credulidade!